

Nota de abertura

ISABEL HENRIQUES DE JESUS*

“*Woman* is not coterminous with *feminist*; to be a feminist implies a particular politicised understanding of being a woman.” (Jackson, Stevi & Jones, Jackie, 1998, p. 2).

Deste modo sintético, as duas teóricas inglesas procuram esclarecer a ambiguidade, muitas vezes verificada, entre as nomeações mulher e feminista. Se, por um lado, nem todas as abordagens relativas às mulheres são feministas, por outro, às mulheres foram impostas e valorizadas as características femininas que cumpriam os requisitos das sociedades patriarcais. Como explicar, então, o longo e disruptivo caminho que conduziu ao actual posicionamento social das mulheres? Longo, se o iniciarmos com nomes como Olympe de Gouges ou Mary Wollstonecraft, que, ainda no século XVIII, lutaram pelos direitos das mulheres; disruptivo, se o identificarmos com os movimentos que, no final dos anos 60 do século passado, romperam barreiras e constrangimentos de toda a ordem, provocando alterações substanciais na condição das mulheres e na relação entre os sexos.

Longe de ser homogénea a sua situação, é indubitável que as mulheres ocidentais, num processo árduo e nem sempre linear, têm vindo a ocupar posições, quer manifestas, quer simbólicas, que as colocam hoje, em termos legais e formais, como seres de idênticos deveres e direitos relativamente aos seus congéneres masculinos. A luta tem sido dura, só assim possibilitando a manutenção de uma política igualitária dos sexos que, apesar de todos os avanços, arrisca retrocessos.

.....

* Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Faces de Eva - Estudos sobre a Mulher
misabeljesus@fcsh.unl.pt

Os Estudos sobre as Mulheres alicerçaram-se na necessidade de compreensão das razões da submissão, da ocultação e da exclusão das mulheres, mas, também, na deliberada convicção de que só uma focagem na sua especificidade recuperaria as condições sociais e simbólicas da sua existência. No quadro desse enfoque e acompanhando a construção, pelas mulheres, de um *corpus* teórico do conhecimento e a assunção de que são produtoras e transformadoras e não apenas destinatárias do saber, desenvolveram-se os Estudos Feministas. Visando denunciar as assimetrias nas práticas sociais de relação entre os sexos e a hierarquia presente na valoração das categorias sexuais, e apontando claramente para a consciência, pelas mulheres, da necessidade de libertação e de construção de autonomia, estimularam o desenvolvimento de um conjunto de temas como corpo, sexualidade, género ou identidade, que passaram a ser estudados por disciplinas muito diversas. Também os Estudos de Género se afirmaram através da acentuação do carácter de construção psicossocial da diferença entre os sexos, assim recuperando a célebre fórmula de Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se” e, acrescentando-lhe, “ninguém nasce homem, torna-se”.

A teoria feminista, ou o *processo* de teorização – assim retirado o carácter fixo e estático da teoria (Jackson & Jones, 1998) –, fez-se sempre acompanhar e até mesmo anteceder do activismo feminista. Contudo, a predominância de modalidades de intervenção, muito centradas nas experiências concretas das mulheres, e o distanciamento exigido pela teoria nem sempre foram consensuais, originando clivagens que, quando extremadas, dificultavam a pretendida construção de um saber que, partindo das mulheres, lhes era destinado. A presença, nas Academias, de mulheres que preencheram as duas dimensões ou que souberam construir pontes entre as mesmas, mostrou-se um factor de peso no desenvolvimento da teoria feminista, reforçando uma ideia grata a muitas feministas e que Eagleton (1992, p. 6) resumiu: “though the personal is political, the political isn’t only the personal; an theorized politics of personal experience may never get beyond subjectivism.”

Ao institucionalizar-se nas Academias, o pensamento feminista não deixou de reflectir a diversidade teórica e disciplinar das suas produtoras e valorizou a interdisciplinaridade. Uma possível explicação para esta propensão interdisciplinar que, não sendo exclusiva, é notória, assenta no facto de que as feministas, ao apropriarem e reconstruírem disciplinas pré-existentes, estão mais livres para procederem às conexões entre elas, sem uma reverência

excessiva às suas fundações (Jackson & Jones, 1998). Por outro lado, um certo questionamento das verdades estabelecidas ajuda a que o pensamento feminista se imponha de modo livre e original, o que provoca “resistências do *saber dominante* em reconhecer o contributo inovador de *outsiders*” (Collin, 1991, p. 348). Ainda hoje nos parece que, apesar de os Estudos sobre as Mulheres estarem cada vez mais disseminados nas Academias, sejam quais forem as variantes que apresentam: Estudos sobre as Mulheres, Estudos Feministas ou Estudos de Género – estes últimos cada vez mais preponderantes, apesar da discordância de algumas feministas, que chegam mesmo a considerá-los como um retrocesso relativamente ao feminismo –, o seu lugar não é seguro e a marginalização continua a fazer-se sentir de formas directas ou subtis.

Os Estudos sobre as Mulheres impõem a necessidade de explicar a exclusão ou a marginalização das mulheres, assim como acompanham os processos históricos, sociais e políticos de construção da sua autonomia. Virgínia Rau conseguiu impor-se num espaço físico e mental, ao tempo, ainda predominantemente masculino. Nesse sentido, e ainda que a sua vasta obra não o evidencie, ela contribuiu para um grande objectivo do feminismo, desde sempre reivindicado, que é o da criação de um espaço comum a mulheres e a homens. A revista *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher* homenageia-a neste número 37 que agora é publicado, dando a conhecer parte do seu pensamento historiográfico e do seu percurso académico e científico.

Isabel Henriques de Jesus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Collin, F. (1991). Diferença e diferendo. In Georges Duby & Michelle Perrot (Dir.), *História das mulheres: O século XX, V* (pp. 315-350). Porto: Edições Afrontamento
- Eagleton, M. (Ed.). (1992). *Feminist literary criticism*. Nova Iorque: Longman.
- Jackson, S. & Jones, J. (1998). Thinking for ourselves: An introduction. In Stevi Jackson & Jackie Jones (Eds.), *Contemporary feminist theories*. Edimburgo: Edinburgh University Press.